

O sentir dos sentidos dos pescadores artesanais

Cristiano Wellington Noberto Ramalho

Universidade Federal de Sergipe

RESUMO: Tomando como base as próprias representações, os sentimentos e as práticas societárias dos pescadores artesanais da praia de Suape, em Pernambuco, este artigo analisa os processos sociais que fundam e são iluminados pelo sentir dos sentidos desses trabalhadores do mar, especialmente no que diz respeito à articulação da condição sensível (estética pesqueira) com o saber-fazer, a liberdade e a humanização na pesca artesanal.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia da pesca, trabalho e pesca, sentir dos sentidos.

Apresentação

“Não só no pensar, portanto, mas com todos os sentidos o homem é afirmado no mundo objetivo. (Karl Marx, Manuscritos econômico-filosóficos – grifo do autor)

O trabalho pesqueiro inscreve-se e se constrói no uso do corpo, na educação do saber sensível humano, expressando-se, ao longo dos anos, no apuro e refinamento de alguns sentidos para que os pescadores exerçam sua atividade com qualidade nas águas dos rios, estuários e/ou mar.

O sentir dos sentidos é a base da objetivação das capacidades cognitivas daqueles que pescam, seu chão construtor e lapidador do saber-fazer pesqueiro, e também do sentimento e prática de liberdade que os pescadores afirmam ter.

Há uma complexa educação corporal no mundo do trabalho da pesca artesanal, que explicita um particular modo de vida, momentos de aprendizagem pesqueira e, portanto, de fazer-se pescador através da ampliação e agudeza de um saber sensível, de uma estética pesqueira, cujo contato direto com a natureza aquática exige isso enquanto condição insuprimível do viver nas (e das) águas.

Vale destacar que os resultados aqui discutidos são oriundos de um estudo etnográfico realizado de dezembro de 2004 a dezembro de 2006, como parte de minha pesquisa de doutoramento (Ramalho, 2007).¹ Assim, pude acompanhar o cotidiano de treze pescadores artesanais que trabalham em mar alto com o uso de botes (barcos artesanais motorizados) e que habitam a pequena praia de Suape, última do litoral sul da Região Metropolitana do Grande Recife (PE).² No decorrer do referido período, entrevistei e observei a rotina desses trabalhadores no continente e no mar.

O presente texto buscar responder às seguintes indagações: Como se constrói o sentir dos sentidos dos pescadores artesanais? Que valor existencial há nesse processo? Como o saber sensível se integra e desvela à natureza marinha? Como ele se faz ao fazer-se no trabalho da pesca?

1. O saber sensível dos pescadores

O saber-fazer pescador artesanal liga-se à edificação de conhecimentos náuticos e pesqueiros, bem como à educação dos sentidos humanos. Fazer-se pescador é, gradativamente, adquirir consciência cada vez mais

sofisticada do próprio corpo, de suas possibilidades de aprimoramento, de autocriação. O refinamento cognitivo conecta-se ao próprio refinamento sensitivo, e este àquele – saber sensível que é, ao mesmo tempo, saber intelectual, imaginativo, embora singularidades entre eles sobrevivam sem se opor. Na realidade, tais saberes celebram aproximações e são indissolúveis.

Isso tudo ganha mais força pelo fato de ser o pescador uma espécie de artífice, um artesão do mundo aquático. O corpo é o território sobre o qual ele se torna pescador, sendo inescapável aos homens que voltam seu trabalho para o setor pesqueiro. Um dos pescadores mais antigos de Suape nos oferta um fértil exemplo desse processo de lapidação do sentir dos sentidos:

O corpo vai sendo formado no tempo. No início, o pescador mais novo tem que ficar mais parado, olhando o cara que sabe fazer. De primeiro, ele aprende a se equilibrar no barco e a ficar em pé, porque, se não equilibrar o corpo, ele não faz nada. Também ele aprende a ver e a ouvir lá no mar. (Seu Gidinha, pescador mestre, 70 anos)

Decerto, o corpo é o *locus* de efetivação da pesca, seu esteio e concretização do mundo cognitivo, “*sendo formado pelo tempo*” (seu Gidinha) no ato de lidar com o mar e os pescados. Ademais, o corpo (natureza orgânica do ser humano) é parte essencial da própria ontologia do ser social, porque o pescador “*aprende a ver e a ouvir lá no mar*” para poder existir, usar e ter consciência.

É pela consciência objetivada pelo trabalho que o ser humano faz-se cada vez mais social, e também é pelo sentir dos sentidos que o ser pescador concretiza-se em sua atividade produtiva, na relação com a natureza e com outros homens. O corpo é a fonte de diálogo do ser social com as naturezas orgânicas (plantas, animais) e inorgânicas (água, terra),

podendo ser considerado uma categoria ontológica, em que particulares e universalidades do ser social também se anunciam.

Podemos aqui nos ocupar somente da ontologia do ser social. Contudo, não seremos capazes de captar sua especificidade se não compreendermos que um ser social só pode surgir e se desenvolver sobre a base de um ser orgânico e que esse último pode fazer o mesmo apenas sobre a base do ser inorgânico. (Lukács, 1978, p. 3)

De maneira geral, o corpo é o momento primeiro de aprendizagem e ente fecundo da identidade social. Inúmeros estudos destacaram isso. Segundo Hegel, “a consciência sensível é, no homem, a primeira, a que precede todas as outras” (1996, p. 133); para Marx, “a *sensibilidade* tem de ser a base de toda ciência” (2004, p. 112 – grifo do autor); na visão de Mauss, “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem” (2003, p. 407); na compreensão de Haroche, é preciso “dar outro lugar à corporeidade, ao movimento, à mobilidade, à mudança nos processos de pensamento” (2008, p. 226); e, para Foucault, “é pelo estudo dos mecanismos que penetram nos corpos, nos gestos, nos comportamentos, que é preciso construir a arqueologia das ciências humanas” (1979, p. 151). De fato, como ressaltou Florence Weber, torna-se necessário “dar conta do lugar do corpo na experiência pessoal” (2009, p. 267), apoiando-se numa etnografia das percepções sensoriais.

O mundo sensitivo enseja a descoberta de tipos de educação e posições sociais diferenciadas. Por isso, “o corpo do burguês não é o corpo do artesão ou do operário (Le Goff & Truong, 2006, p. 30), e tampouco do pescador. Dessa maneira, formas de sociabilidades produzem educações corporais e sensitivas distintas no transcurso do tempo e nas mediações sociais particulares, seja em seus aspectos materiais, seja nos ingredientes simbólicos. Dessa maneira, para existir como pescador, o homem

tem que se afirmar na fruição dos seus sentidos concretamente, em seu dia-a-dia, nos diálogos que realiza com o mar, através de sua atividade produtiva. Expressa seu Neneu (pescador mestre, 67 anos): *“O cabra tá pescando, aí mudou, formou o tempo. A gente viu. Aí vem um vento e a gente sente lá dentro, na água. A gente vê no mar. Mas tem que sentir, ouvir pra poder pescar”*.

Não basta apenas ter um corpo humano para ser pescador, já que é essencial desenvolver uma educação sensitiva singular em termos socioculturais. Sem dúvida, aquele que volta sua vida para os recursos aquáticos *“tem que sentir, ouvir pra poder pescar”*, e ver *“no mar”* (seu Neneu) o que pode ser humanamente apreendido, por meio de um conjunto de talentos adquiridos no fazer cotidiano para que seu trabalho aconteça. Sem dúvida, *“o corpo tem, portanto, uma história”* (Le Goff & Truong, 2006, p. 177), e o mesmo pode ser dito em relação ao saber sensível dos pescadores artesanais.

Por conta das questões antes aludidas, é oportuno retomar a categoria estética, no significado que lhe foi conferida originalmente. No século XVIII, o filósofo alemão Alexander Baumgarten criou o conceito de *“estética”*, buscando dar conta da capacidade de sentir das sensações e percepções humanas imediatas. Tal categoria não brotou vinculada ao campo de discussão acerca do belo nas artes, fato que emergiu posteriormente e que acabou ganhando supremacia ante as questões do corpo. Segundo Eagleton, *“a estética nasceu como um discurso sobre o corpo”* (1993, p. 17), é uma *“ciência das sensações”* (Hegel, 1996, p. 13). É isso que será aqui valorizado, com o objetivo de melhor entender o modo de vida dos pescadores artesanais, como uma estética existencial, uma estética inerente ao modo de ver, estar e sentir o mundo, ou seja, uma estética pesqueira.

Sobre a estética, compartilho a ideia do próprio Eagleton, pois:

O que eu tento fazer aqui é religar a idéia de corpo com temas políticos mais tradicionais como o estado, a luta de classes e os modos de produção, usando a categoria da estética como mediação; e desse modo distancio-me igualmente dos estudos de política de classe, que pouco têm a dizer sobre o significado do corpo, como dos de política pós-classista que se escondem nas intensidades do corpo para fugir a questões exageradamente “globais”. (1993, p. 11)

Embora não centre minha abordagem na esfera política, acredito que a categoria estética seja uma mediação valiosa para se entender o trabalho da pesca artesanal, já que é sobre o (e no) mundo sensitivo que ele se realiza, por meio da externalização das fruições da natureza humana, de uma estética pesqueira. A estética pesqueira é necessária ao existir do trabalho no mar, especialmente por causa das habilidades corpóreas do fazer produtivo, e se distingue da estética instrumental, cuja origem está na estruturação e no desenvolvimento de uma racionalidade especializada na qual os seres humanos fragmentam e aprisionam seu saber-fazer.

Não só a natureza oceânica impõe necessidades de respostas físicas e mentais complexas para o fazer-se pescador, mas a própria organização social e técnica da pesca cobra procedimentos integradores, fundados em compreensões totalizantes do processo de trabalho. Acima de tudo, um saber especializado e, por isso, um fazer parcial não são compatíveis com o trabalho da pesca artesanal, situação revelada por vários estudos (Diegues, 1983; Maldonado, 1994; Ramalho, 2006).

Há, aqui, uma estética inerente ao modo de vida e à cultura do trabalho pesqueiro artesanal que resiste, embora de modo não político, a uma estética instrumental típica da modernidade capitalista.

Essa questão da fruição dos sentidos não é simples, na medida em que a vida instrumental e utilitária potencializou deformações educativas das forças essenciais humanas: intelectuais e físicas. Pode-se dizer que

a estética da existência instrumental bloqueou realizações de “uma vida cheia de sentidos” (Antunes, 2000, p. 143) e, com isso, esterilizou possibilidades de humanização do próprio mundo sensitivo de homens e mulheres.

Se, por um lado, o mundo contemporâneo produziu uma série de riquezas materiais, culturais, científicas, tecnológicas, sociais e individuais como nunca na história humana, por outro, tudo isso se deu sobre custos humanos terríveis, com aumento da degradação ambiental, fadiga, miséria, precarização do trabalho, desemprego, fome, individualismo, descartabilidade, alienação, que atingiram em graus distintos as classes sociais, de maneira negativa. Desse modo, “A existência sensorial é despida, num nível as necessidades básicas, só para ser extravagantemente inflamada num outro nível. A antítese do escravo assalariado, cegamente biologizado, é o ócio exótico, o parasita em busca de prazeres (...)” (Eagleton, 1993, p. 149).

O interessante a observar é que as determinações do existir e as mediações parciais dos pescadores de Suape ligam-se às suas capacidades de resistência, apoiadas na força da sociedade do trabalho e na sua cultura produtiva insubmissa, que se inscrevem também no corpo.

Sendo assim, avalio que o modo de vida dos pescadores – em suas práticas sociais (materiais e espirituais) – pode ser incluído no tipo de resistência passiva descrita por Marx sobre o operariado, em sua luta pela diminuição da jornada de trabalho, antes de se opor, através de manifestações políticas diretas, à burguesia – a saber, na época, “os trabalhadores tinham oferecido uma resistência até então passiva, embora inflexível e cotidianamente renovada” (Marx, 1982, p. 332) à hegemonia do capital. Portanto, aqui a estética pesqueira é essa resistência passiva unvida de uma sociabilidade “inflexível e cotidianamente renovada” ante o mundo instrumental, a sociedade de consumo e o domínio direto do capital sobre o trabalho.

Por essas razões, para os pescadores suapenses, pertencer (de corpo e mente) ao capital, às empresas de pesca e aos atravessadores do setor é tornar-se obrigado e submisso aos ditames externos. Ser artífice do mar, então, é resistir a essas possibilidades e a suas instrumentalizações. Dessa maneira, diz Genildo (pescador mestre, 35 anos): “*Não quero ficar preso à empresa ou a comerciante nenhum. Sou livre*”.

Em contrapartida, a representação da autonomia societária, para os pescadores, privilegia a ambos, pois a arte da pesca artesanal é sintetizadora dessas esferas, da compreensão intelectual e expressão corporal. O ato de pensar não tem nenhuma valia se não for traduzido no manejo do corpo capaz de lançar, com as mãos, uma rede no momento preciso sobre o cardume, no puxar o covo, na ação de equilibrar-se a bordo na hora em que se retira ou se coloca a rede no mar, etc. “*Na pesca o cara pensa e faz*”, afirma José Edson (pescador mestre, 41 anos).

O bom uso corporal é forte ingrediente do que é chamado de arte da pesca em diversas localidades brasileiras, graças à rica técnica que compõe a execução do trabalho pesqueiro e da qual nenhum pescador pode abster-se.

O equilíbrio que deve possuir o pescador na hora do “lanço” é uma “arte” à parte, sobretudo quando há forte maresia. De pé no estreito batente que fica à beira da canoa, “tem que balançar o corpo de acordo com as ondas e o movimento da canoa para não cair n’água” – diz um pescador. Ao mesmo tempo em que faz um esforço considerável para jogar a rede ao mar, é obrigado a equilibrar-se apenas sobre as duas pernas na beirada da canoa, recebendo muitas vezes o forte impacto das ondas no casco desta. A rapidez com que deve ser lançada a rede vai depender da velocidade do vento; quanto mais veloz estiver maior agilidade vai exigir dos lançadores. (Mello, 1985, p. 116)

Desde a entrada na pescaria, o corpo ocupa papel também de destaque. A vida no mar e seus balanços constantes exigem adaptações do organismo humano à sua rotina de labuta para que os homens pesquem, como se observa nas transcrições das vozes:

Já fiz algumas pescarias boas com o meu filho, mas só que ele começava a vomitar e a sentir aquele enjoio, aquele negócio ruim. Ai eu tinha que dizer: “Meu filho, vá pegar um facão e vá cortar cana, mas não penda pra pescaria. Não vai dar resultado”. Ele ficava desanimado pra pesca, porque toda vez que ele ia mais eu ele vomitava. Agora, se ele aguentasse, eu dizia vamos pescar pra ganhar mais dinheiro. (Seu Luiz, pescador mestre, 66 anos)

A pessoa pra pescar, lá fora, tem que ter estrutura física, porque se não for acostumado ele pode enjoar, perder a cor, vomitar. Aguentou o tranco, pode embarcar. Agora, lá pra fora, tem que ter uns 18 anos acima pra aguentar, o balanço lá é danado. Tem que ter força nas pernas pra aguentar o mar. (Conrado, pescador mestre, 39 anos)

Comecei a pescar com 15 anos. Quando entrei na pesca, o meu corpo tava numa fase boa pra poder pescar. Tá numa fase boa é o corpo tando em forma, a mente também e a vontade de pescar. Também, aos poucos, fui me acostumando, pois, quando meu pai ia, eu também ia.

[Entrevistador: Me fala mais sobre esse corpo em forma?]

Em forma é tando numa fase que uma pessoa de 10 anos não tem. Assim, estrutura boa. Já depois dos 15 anos já tem aquele macete pra pesca. (Marco, pescador mestre, 32 anos)

Para pescar em alto-mar, no entendimento de Conrado, “*tem que ter estrutura física*”, pois “*o balanço lá é danado*”, podendo provocar enjoos. Por isso, são necessários costumes e resistências orgânicas como elementos primordiais do fazer-se marítimo. A consciência não está deslocada, como se vê, da natureza orgânica do ser social, necessitando dela para sempre se efetivar em si mesmo e, com isso, no meio ambiente.

Essa não adaptação física é ricamente manifestada no discurso dos pescadores. A impossibilidade de acesso ao mundo do trabalho pesqueiro, por causa do mal-estar, apresenta-se nas limitações das reações sensitivas, que o metabolismo humano manifesta para lidar com o oceano. A não adaptação orgânica obriga o deslocamento para outro trabalho, realizando quase que uma “seleção natural” entre os próprios pescadores. Por isso o conselho do pescador, seu Luiz: “*Meu filho, vá pegar um facão e vá cortar cana, mas não penda pra pescaria. Não vai dar resultado*”. Sem a adaptação física ao meio ambiente marinho, as barreiras orgânicas não poderão ser suplantadas. Assim, o sentir dos sentidos não pode ser obscurecido na realização do trabalho pesqueiro.

Loureiro constatou, ao estudar pescadores paraenses, que o forte empecilho capaz de bloquear o acesso de homens ao mar seria o enjoo, a não adaptação física humana ao ambiente marinho e às suas complexas exigências: “Há, entretanto, um fator físico-psíquico que dificulta e freqüentemente impede o ingresso de novos pescadores e que constitui a principal e única limitação definida claramente – sentirem enjoos e vômitos durante as viagens” (Loureiro, 1985, p. 60).

Ademais, o pescador Conrado expressa que, na pesca, “*tem que ter força nas pernas*” para realizar o metabolismo social com a ação rítmica do mar, quando se encontra embarcado, porque essa comunhão é necessária à pescaria (puxar rede, colocar armadilhas na água, limpar o convés, andar pela embarcação, dentre outras coisas).

Segundo o suapense Marco, há uma condição central à possibilidade de pescar, compreendendo como “*fase boa*” a forma física e intelectual, somada ao desejo de ser pescador. Isto é: “*Tá numa fase boa é o corpo tando em forma, a mente também e a vontade de pescar*”. Corpo e mente em forma são elos que compõem o homem que pesca. Corpo em forma, além disso, vai representar a capacidade que a corporeidade já tem para cumprir determinações cognitivas. Se antes não se conseguia realizar certas tarefas, agora o mundo sensível está preparado para fazê-lo.

Decerto, não se estabelece uma disjunção entre espírito e matéria, ou mente e corpo, mas se reforça e se valoriza a ambos: “*Nesse caso, braços e mentes ainda andam juntos*” (Romero, 2005, p. 86). Nesta sociedade do trabalho, não haveria possibilidade de ser pescador apenas com o domínio de uma dessas esferas sem que a consciência se humanize no mundo sensível ao humanizar-se também. É claro que o mestre torna-se mais saber do que fazer, porém seu saber foi (e é) reconhecido pela força e a qualidade de seu fazer ao longo da vida, não havendo, portanto, uma falsa dicotomia. Ademais, a “vontade de pescar” unge o movimento da vida destinada a transformar o homem em pescador. De fato, “o homem é um ser que dá respostas” (Lukács, 1969, p. 132), ao problematizar as causalidades ambientais e sociais, buscando incorporá-las em sua teleologia do trabalho pela organização e fruição corporal, dos sentidos humanos, da manifestação da sua vida, em sua eterna conexão com o meio ambiente.

Para os pescadores, a idade reflete tanto o amadurecimento dos sentidos do corpo, quanto das capacidades cognitivas. Nas falas dos suapenses, entra-se na pesca de alto-mar em torno dos 15 aos 18 anos, pouco mais tarde que o trabalho agrícola, visto que “a pesca requer uma certa compleição física para possibilitar o manejo dos aparelhos e resistência orgânica para suportar o frio e as chuvas frequentes” (Loureiro, 1985, pp. 57-8). No entanto, não é só isso. Decerto que uma maior

estrutura orgânica tem seu valor, porém o mar e os pescados colocam componentes complexos a serem compreendidos, tanto para ter sucesso na pescaria, quanto para obter segurança no mar. Desse jeito, tempo mais demorado, mente mais trabalhada e, assim, preparada para as águas marítimas. Técnica e força juntam-se na realização humana nas águas, ou seja, o saber-fazer é projetado nas plenitudes sensitivas e cognitivas, que educam os sentidos na tomada de consciência e, por isso, na humanização do próprio corpo (no saber pesqueiro), na qualidade das faces de uma mesma moeda.

A questão da educação corporal começa a se desenvolver cedo dentro da própria família, fundando-se no trabalho. Inicialmente, tarefas menores são repassadas aos filhos, que ainda não têm a estrutura física exigida para suportar tempos maiores nas águas, nem detêm força suficiente para puxar e retirar redes do mar.

A pesca nossa, aqui, era tainheiro, sauneiro. Na época, eu com 13 anos de idade não podia puxar o arrasto todo aqui dentro. (Seu Luiz, pescador mestre, 66 anos)

A pesca mais difícil é a de covó, pois depende de força pra colocar ela pra cima. Já de linha é maneira, e eu podia fazer. (Conrado, pescador mestre, 39 anos)

Retirar a rede do mar ou o covó exige esforços físicos maiores, já que, além de aumentar consideravelmente de peso quando está molhada, no caso da rede, essas armadilhas trazem pescados, no êxito do trabalho, exigindo assim um maior uso da força muscular dos proeiros, comum àquelas pessoas de maior estrutura corporal.

Os primeiros passos no mundo embarcado são dados na companhia do pai, em pescarias próximo à costa, antes da arrebentação, ou, quando muito, em poucas horas em mar alto, realizando trabalhos não pesa-

dos (pesca de linha e despescando) e sempre auxiliados de perto pela figura paterna. Quando vão para o mar de fora, os mais jovens ficam no meio do barco, porque na ponta fica o melhor proeiro – o bom pescador – e na popa vai o mestre, cabendo ao recém-marítimo observar e fazer o que eles pedem. O barco também tem seus territórios do saber-fazer e seus momentos de conquistas. Por exemplo, o antigo banco do mestre (ou banco de governo) existente na jangada transformou-se, hoje, com os botes, numa pequena cabine de comando (ou cabine do mestre), onde se situa o leme e o motor, ficando na popa sob o governo do mestre. Tudo isso ajuda a construir e a socializar o jovem em um saber sensível direcionado ao trabalho pesqueiro, fato que prepara o sentir humano para desafios mais agudos.

Eu ajudava a puxar a rede ou arrumar uma corda com pai. Era o mais maneiro, porque, pela minha idade, eu não podia pegar ainda uma coisa mais pesada, aí fazia isso no mar. (José Edson, pescador mestre, 41 anos)

Eu entrei na pescaria acho que com uns 14 anos. Eu estudava pela tarde e, de manhã, eu ia pro mar. Saía às 4h30 da manhã, mais meu pai. Pescava até 8 ou 9 horas e descansava um pouquinho pra ir pro colégio. Na época, era pescaria de linha. Não muito pesada. Depois ele começou a me ensinar pra gente pescar de mergulho perto da barra, quando a água estava limpa. A gente pegava serra, xaréu, garajuba, essas qualidades de peixes. (Gildo, pescador proeiro, 35 anos)

Aos 10 anos, fazia pesca de arrasto, de sauneiro. Arrastava pra praia logo que entrei pra pescaria. Pescava a tainha, que era pesca de cerco, redonda. Depois, já maior, fui pescar lá fora e abandonei essas pescarias. (Seu Neneu, mestre, 67 anos)

Quem entra na pesca fica no meio do barco, pra desmalhar ou pesca de linha mesmo. Ele não pode puxar rede, que ele não sabe. Não tem técnica e nem manobra nas pernas, devido ao balanço do mar. (Seu Gidinha, pescador mestre, 70 anos)

Esse contato inicial, com as linguagens do mar, possibilita logo cedo a construção de entendimentos humanos naturais acerca da natureza marinha e, especialmente, da própria fruição das forças essenciais do homem para melhor lidarem com as águas, ora apresentadas na capacidade de compreender os tipos de ventos e os movimentos das marés, ora explicitadas na habilidade para descobrir pesqueiros, ora para ouvir e sentir as mudanças náuticas e metereológicas. Além disso, permite ao futuro pescador conhecer a si, a fim de desenvolver melhor sua fruição sensível.

O aprendizado marítimo sempre foi feito em conjunto, por meio da convivência prática, em que a cultura produtiva da pesca encarna suas habilidades e se objetiva no existir corporal de homens, bem como na sua insujeição. No fazer corporal, no seu (re)criar sensível, encontram-se os aspectos das respostas às eternas necessidades humanas. Dessa maneira, “(...) a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquiridos conduzem a novas necessidades” (Marx & Engels, 1996, p. 40) espirituais e sensíveis, que precisam ser novamente respondidas.

Ao executar isso, o pescador funda e se alimenta nas práticas socioculturais típicas de seu modo de vida. Segundo Lukács,

Tudo que a cultura humana criou até hoje nasceu não de misteriosas motivações internas espirituais (ou coisa que o valha), mas do fato de que, desde o começo, os homens se esforçaram por resolver questões emergentes da existência social. É à série de respostas formuladas para tais questões que damos o nome de cultura humana. (1969, p. 170)

O corpo do pescador é lapidado e construído no fazer da cultura humana marítima, na busca do dever-ser, no fazer-se artista da pesca artesanal e no fugir da sujeição. No mundo da pescaria, o verbo faz-se carne, a abstração concretiza-se e, então, o mais jovem tenta tornar-se pescador feito, um artista do mar, fazendo-se no ato de fazer.

Eu comecei na pesca de linha. Coisa maneira. Depois vai aumentando, né? A gente vai ficando mais forte, né? Aprende a usar o corpo e saber o que vai fazer. O corpo do pescador... o cabra fica já pronto mesmo pra pescar, pra vida dele. Sabe usar o corpo em tudo. (Seu Neneu, pescador mestre, 67 anos)

Na fala de seu Neneu, o momento em que o pescador “*aprende a usar o corpo e saber o que vai fazer*” clarifica que o corpo não se desvincula da história, das determinações do existir dos pescadores, em que não há uma mera adaptação biológica, e sim a constituição de um complexo processo sociocultural transmitido nos sentidos, como condição para o desenvolvimento de uma cultura humana específica.

A força do verbo *fazer* não é algo exclusivo ao âmbito da pesca artesanal em Suape, encontrando-se presente no imaginário dos trabalhadores das usinas de açúcar de Pernambuco e no atributo de artistas que eles conferem a poucos trabalhadores das oficinas, que executam sua atividade produtiva com base na cooperação simples e, portanto, no não parcelamento das tarefas, segundo Lopes (1976).

O *fazer* do artista ressalta o aspecto artesanal de seu trabalho, no sentido de ver sua obra acabada após ter percorrido ele próprio as etapas necessárias à sua realização. Nesse sentido, os diversos grupos de operários, trabalhando na mesma oficina mas fazendo trabalhos que não se complementam no seu processo de produção, organizam-se sob a forma da cooperação sim-

ples. Os operários da oficina chegam a ter uma imagem da organização da produção na oficina que corresponderia a um caso limite de cooperação simples e que se exprime na ênfase à intercambialidade de tarefas próprias a diversas artes e a conseqüente possibilidade de várias artes. (Ibidem, pp. 36-7 – grifo do autor)

É esse fazer amplo e concreto que diferencia o trabalhador artista dos outros na usina. Para Lopes, “o código da arte, interno aos operários, não necessita de um ‘teste’ formal diante do chefe: o ‘artista mesmo’ é reconhecido por sua prática cotidiana” (ibidem, p. 39).

Como se percebe, a prática – o fazer – é o piso sobre o qual se assenta a legitimidade do saber, da prévia ideação. Contudo, mesmo assim, apesar de se encontrarem nesse aspecto, para os pescadores artesanais, o caráter de subalternidade imposto pelo assalariamento na usina negaria o atributo de artista em seu mundo do trabalho, por ferir de morte o princípio da condição liberta de sua atividade, do uso do seu corpo, do pôr teleológico pesqueiro vivificado na busca da liberdade e de uma maior autonomia como valor de vida presente em sua arte.

Duarte (1999) descreveu que, para os pescadores de Jurujuba, Rio de Janeiro, trabalhar como assalariado em barcos industriais (as traineiras) retira o atributo de arte de sua ação produtiva, tendo em vista que se assalariar é o “lugar da subversão do código da arte” (ibidem, p. 95), seu empobrecimento cognitivo e material.

Independentemente dessa questão, o fazer não se destitui de um saber, porque ele é um tipo de saber – o corporal – que confere legitimidade ao código da arte, desde seu nascimento (ao sentir a matéria) até sua finalização (na transformação do dado), ungido todo tempo pela razão, sendo o *locus* também da não sujeição, do não controle colocado por vontades alheias. Pode-se concluir que: “O corpo como base do saber e do conhecimento. O corpo como instalação de nossa existência

no mundo é parâmetro último para as avaliações constantes de nossas ações e atitudes” (Duarte Jr., 2004, p. 218).

No trabalho da pesca, os momentos inaugurais de sua pedagogia apoiam-se na feitura de pequenos esforços físicos e cognitivos, tão necessários e intrínsecos à formação dos pescadores, fato que se repete a cada geração na constituição do saber sensível pesqueiro, orientado de perto pelo mestre, pela socialização produtiva no mar. Desta feita, os corpos e o sentir dos sentidos dos pescadores são lapidados pelo toque das vogas, do sol, da brisa, do som que brota do mar, da visão dos cardumes, na pesca e despesca, no manter-se em pé sobre o barco, no enfrentar os balanços do mar e, principalmente, no conviver social cotidiano. Escreve Lima: “Assim é que as crianças vão-se iniciando nas atividades da pesca, fazendo pequenos serviços como ‘pontas-de-cabo’, e logo que tenham ‘físico’ para remar, já podem passar a companheiros-de-remo” (1997, p. 168).

A pesca se faz tecida também pelo lúdico, tanto que, para o pescador, seu Milton, “*a pesca começou como divertimento, mergulhando e começando a saber das coisas*”. O fascínio das águas (dos seus seres e dos desafios) apresenta-se como universo estimulante a ser conquistado pelos mais jovens, que em suas brincadeiras estabelecem culturas corporais e se preparam intelectualmente ao prepararem seus sentidos para conquistar a arte de ser pescador.

Apesar das diferenças ambientais, que chegam a permitir a entrada ainda mais cedo nos rios do Amazonas – por conta da “maior facilidade” de lidar com a pesca interiorana em comparação à marítima –, Furtado desnudou o processo de educação inicial daqueles que um dia se tornarão pescadores feitos:

Desde cedo, por volta dos cinco anos de idade, os meninos já começam a ir com seus pais ou parentes para a pescaria, para ajudar nas pequenas tare-

fas. Ajudar a transportar um remo para a canoa, ajudar a *pilotar a montaria*, escoar a água acumulada no fundo da canoa, *vigiar uma malhadeira* que ficou *arriada* num determinado lugar para capturar o peixe; ajudar na *gapuia* ou na tapagem de um igarapé para pegar peixes, ou ainda, simplesmente para ir com o pai para aprender a pescar, são algumas das tarefas realizadas pelos meninos. (1993, p. 201 – grifos da autora)

Quem decide o momento de ir ao mar alto não é somente o jovem, mas o mestre, que é seu pai, tio ou irmão mais velho – fato repleto de cuidados, visto que perder um membro da tripulação no mar é forte demérito para um bom mestre, além de envolver, na maioria das situações, sentimentos filiais. É claro que as necessidades materiais, de ter mais gente da família pescando para prover a casa de alimentos e ter renda monetária, isso conta, e muito, mas é o mestre quem avalia os momentos de preparo para passar de função ou para que se possa embarcar. Santiago³ (pescador proeiro, 52 anos) conta: “*Agora você pode ir, viu!? Já tá no tempo, né?*” *Meu pai me guiou para ajudá-lo no mar*”.

Independentemente de tal situação, orientar e saber o momento certo do corpo e do amadurecimento cognitivo necessário para a faina no mar, projetada no jeito de trabalhar e de desenvolver a pescaria em técnicas manuais, visuais, rítmicas, para pôr e retirar a rede, esse é um dos papéis do mestre. Corpo e mente devem ser um só no que for possível na pesca. O deslocamento para atividades mais sofisticadas “depende fundamentalmente da avaliação do mestre” (Lima, 1997, p. 169), da sua certeza de que determinado indivíduo pode realizar, de agora em diante, tal tarefa, e não mais somente aquela. Esses são os percursos iniciais para se alcançar o todo, a arte da pesca. Assim, “o mestre testa os proeiros sem eles saberem: ‘Olha, faz isso!’”, argumenta seu Gidinha (mestre), no intuito de observar aptidões presentes ou não.

2. Fruição sensível e suas teorias pesqueiras

Há o que pode ser classificado de uma progressão na pesca artesanal, na qual a ascensão de atividades é definida sem imposições individuais. É evidente que cabe ao mestre avaliar cada um, porém, os critérios são conhecidos pelo coletivo e ganham o aval também da tripulação, haja vista que a qualidade do pescador deve ser demonstrada objetivamente no seu criar sensível, dia após dia, que confirma o apuro de seu conhecimento. Assim, a passagem a uma outra função no barco torna-se natural. Esse processo não conduz mecanicamente o pescador ao posto de mestre no decorrer de sua vida. Ele pode ser considerado um artista do mar, mas sem jamais atingir sua graduação máxima, a mestrança, por não ter adquirido os talentos sensitivos e abstratos em plenitude.

Os pescadores não negam que essa feitura é cheia de dureza, já que sua faina no mar traduz esse componente na formação de seu corpo. Marco certa vez me disse:

Muda tudo. Meus dedos engrossaram demais. É... engrossam. É muito trabalho de força, de puxar e consertar rede. É muito diferente de um cara de escritório. Se um cara de escritório for uma vez com a gente, ele fica com o dedo todo cortado, porque o couro dele é muito fino, e o da gente não. A gente, com o costume, o couro vai engrossando, pescando e levando sol. Cada vez mais que a gente vai trabalhando o couro vai engrossando. (Marco, pescador mestre, 32 anos)

No caso do talento marítimo, a agudização da habilidade encarna-se nas funções assumidas no barco. Os mais jovens exercem atividades de menor complexidade e ficam no centro da embarcação. Todavia, isso não é o mesmo que afirmar que eles não sejam importantes, visto que, ao cumprir atividades essenciais – como, por exemplo, desmalhar os

peixes e, às vezes, colocá-los no gelo –, o pescador mais novo deixa os outros proeiros livres para assumirem tarefas mais exigentes. Quando não há pescadores jovens, o trabalhador menos hábil também não deixa de assumir um papel valioso, só que com exigências bem maiores que as colocadas aos mais novos.

Decorrente disso, o melhor proeiro, por deter uma sofisticada capacidade de externar seu saber e fazer, localiza-se na ponta do barco, lançando e retirando as redes, pegando com o bicheiro (uma vara de mais de dois metros, com um gancho na ponta) as boias dos covos e das redes, etc., quando o barco, muitas vezes, está em pleno movimento. É auxiliado pelo proeiro do centro e, sobretudo, pelo que fica mais atrás. Este último é mais capacitado que o do centro, por ser responsável em puxar a rede e alinhá-la no momento de sua retirada do mar. Ele é chamado, por alguns, de chumbeiro, por pegar essa parte da rede na hora de puxá-la do oceano.

No que concerne ao proeiro da ponta, esta é a derradeira função antes da mestrança, e a ascensão só ocorrerá se o trabalhador conseguir realizar a marcação.⁴ A ação produtiva executada por ele é rica em destreza. A leitura e o manejo corporal ágeis revestem-lhe de papel essencial no mundo produtivo, ganhando reconhecimento dos demais proeiros e admiração advinda do próprio mestre, que, em várias oportunidades, lê os gestos do proeiro da ponta para depois poder agir, e vice-versa. A comunicação é plenamente corporal, por causa do som do motor e/ou para não afastar peixes mais sensíveis, que poderiam fugir ao perceber sonoridades estranhas.

Tem proeiro muito bom, que é o da frente, e ele é quase mestre. Falta somente marcar. Agora todos do barco são importantes. (Genildo, pescador mestre, 35 anos)

O proeiro que fica na ponta ele tem a maior prática. Ele é proeiro. Todo aquele que não é mestre é proeiro. Todos eles são proeiros. Agora tem um que sabe mais, aí ele fica lá na frente, porque ele tem a prática de pegar a boia, puxar âncora, largar a rede. Ele é quem faz o primeiro movimento. Ele sempre trabalha ao contrário na proa do barco. Ele não pode puxar uma rede pra frente do barco. Ele tem que puxar e dar as costas pro mar, e tem que ter equilíbrio ao mesmo instante. (José Edson, pescador mestre, 41 anos)

O proeiro da frente sabe fazer as coisas e se equilibrar de costa pra voga do mar. Ele vira de costa pra puxar a rede. A proa do barco tá ali, e eu tô puxando a rede de costa pra proa e olhando pro mestre. Pra o mestre entender o que a gente quer, a gente com a mão e o mestre já entende: “Aumenta! Diminui!”. Pra diminuir eu baixo a mão. Ninguém fala. É tudo no gesto. A gente se comunica com os gestos, com os braços, batendo com o pé no barco para diminuir ou parar a embarcação, essas coisas. (Gildo, pescador proeiro, 45 anos)

De fato, o da ponta “*sabe mais*” que os outros proeiros, porque “*ele é quem faz o primeiro movimento*” e decisivo ato, com talento agudo por estar de “*costas pro mar, e tem que ter equilíbrio ao mesmo instante*” (José Edson), “*olhando pro mestre*” (Gildo) para saber se tudo se encontra em bom termo, para que a equipe possa, de modo integrado e no ritmo correto, efetivar o processo de cooperação essencial à pesca. A feitura hábil e sofisticada do proeiro da ponta o deixa na condição de “*quase mestre*”, precisando apenas realizar seu desfecho decisivo e final para o controle definitivo da arte de ser pescador: “*falta somente marcar*” (Genildo).

De maneira geral, toda a atividade feita a bordo é respeitada, porque ela é central para o sucesso da pescaria. Sem dúvida, “*todos do barco são importantes*” (Genildo) e necessários para que a sociedade do trabalho aconteça. Não há, entre os pescadores, desrespeitos ou funções conside-

radas sem valor ou de valor menor. Tudo tem seu grau de significância para o funcionamento do barco, por isso os ganhos são repartidos igualmente através do quinhão, cabendo apenas ao mestre sua parte e a que é destinada à rede, especialmente por ela ficar sob sua responsabilidade no que diz respeito aos reparos necessários da malha.

O corpo é o espaço do diálogo, dos sinais e signos produtivos utilizados pela tripulação para se entender no mar, formando uma semiótica da pescaria. No barco, “ninguém fala” por palavras, pois “a gente se comunica com os gestos” (Gildo) típicos do saber-fazer pesqueiro. Essa é uma forte linguagem, a do uso corporal.

Câmara Cascudo escreveu que

(...) o pescador é profissional do silêncio”, pois, durante seu trabalho no mar, “as ordens são dadas quase por sinais, gestos, acenos na sugestão da manobra imediata, feita sem rumor pessoal. O ressoar da voz humana afugentaria o peixe dos pesqueiros como explosão de mina submersa. (1957, p. 31)

No trabalho artesanal marítimo, a prática da mestrança é o próprio dever-ser individual da arte de ser pescador. Sua técnica expressa-se não no uso da força – tendo em vista que os mestres, em boa parte dos casos (não sempre), são os pescadores com mais idade –, mas no refino humanizador dos sentidos corporais que um homem deseja atingir no mar, no autocontrole psicológico e físico, na realização da sua autoatividade embarcada. Saber usar os sentidos é fundamental para atingir a prática da mestrança, o último e mais completo estágio da arte de ser pescador.

O mestre é portador das leituras sensitivas e mentais mais elaboradas, cuja tradução apresenta-se no ato talentoso de encontrar pesqueiros, de marcá-los e saber guiar-se no mar, posto que “o mais difícil no mar é marcar” (seu Neneu, pescador). É ter roteiros aquáticos, sabendo,

matematicamente, o tempo necessário para alcançá-los: “*Com vento mais forte é um tempo para ir a um pesqueiro, sem ele é outro tempo. A gente sabe tudo, como se fosse na matemática*” (Marco, pescador mestre, 32 anos).

Marcar as áreas mais piscosas do mar – de acordo com mapas cognitivos – é trazer a natureza marinha à humanização edificada pela história cotidiana desses homens das águas, por meio da capacidade dos seus sentidos que a consciência trabalhou artesanalmente ao longo do tempo. Por isso, sons na água, sinais de cor, formações de nuvens, tipos de marés são decifrados como elos indissociáveis da relação humana com a natureza, ao introduzi-los como componentes relevantes do modo de vida do pescador e da sua reprodução ao longo dos anos. Todos os embarcados detêm atributos de refinadas leituras sensitivas náuticas e pesqueiras, mas ninguém igual ao mestre. Desmistificar o mundo aquático e as variáveis que o formam e o articulam é fator determinante da mestrança:

O mestre sabe usar melhor a visão e o ouvido. Sabe mais os locais de pescar.
(Gildo, pescador proeiro, 45 anos)

Ele descobre o pesqueiro quando o peixe tá fazendo batida e tem brilho diferente, ou o pescador sente mais peixe no anzol ou, desconfiado, pôs a rede e veio mais peixe. O peixe tá passando por ali. Aí ele fica pra ele. (Seu Milton, pescador mestre, 67 anos)

Marcar tem que ter muita alembração. O esquecimento é ruim. (Seu Gidinha, pescador mestre, 70 anos)

A fala do pescador Gildo indica que marcar é saber usar bem o corpo, sua fruição. O mestre, como nenhum outro ser humano, “*sabe usar*

melhor a visão e o ouvido” para compreender o que o mar mostra e diz, objetivando encontrar os pesqueiros “*quando o peixe tá fazendo batida e tem brilho diferente*” (seu Milton) no mar; depois é marcar na consciência o que foi decodificado sobre a vida marinha para que se possa “*saber mais os locais de pescar*” (Gildo), e “*at ele fica pra ele*” (seu Milton), envolvendo o ponto de pesca descoberto em segredo.

O corpo humanizado desse pescador resulta de “*muita lembrança*” (seu Gidinha) acerca dos lugares marinhos, de uma aguda consciência, para estabelecer uma comunhão insofismável com as águas, através de seu saber-fazer e dos comandos precisos no mar. “Assim, o pescador feito é o resultado de um fazer paulatino que vai ao mesmo tempo fazendo quem faz. A ‘senioridade’ do mestre é também uma senioridade física e mental” (Duarte, 1999, p. 95 – grifos do autor), pelo amadurecimento das faculdades humanas e de seu autocontrole na condução do mundo embarcado. Seu apuro – edificado no tempo da vivência – traduz-se em um eterno dever-ser para que a pesca se atualize e se realize exitosamente, como trabalho autônomo.

A sociedade pesqueira educa seus integrantes dentro de práticas (simbólicas e materiais), que dialogam intimamente com a construção social do corpo. Mauss formulou que, concernente às técnicas de utilizar o corpo, de modo geral, “os fatos de educação predominavam” (2003, p. 405 – grifo do autor). Antes de qualquer coisa, a figura do corpo humano incorpora determinações sociais, formas de ser.

Os sentidos humanos dos que pescam adquirem conformações moldadas por seu modo de vida assentado no trabalho, desenvolvendo singularidades e revelando complexidades perante outros trabalhos que parcelam e unilateralizam o corpo, a consciência sensível. Na pesca, não só um, mas vários sentidos devem atuar precisamente sobre a totalidade do ambiente, forjando uma compreensão totalizante do próprio mar, tão essencial para transformá-lo em utilidades humanas, apoiando-se,

desse modo, no tato, na visão, na destreza manual e no manejo do equilíbrio das pernas, na audição e, às vezes, no olfato.

A aprendizagem e a efetivação sensitiva, assim como seu desenvolvimento, voltam-se para dar conta de *como* e do *que* produzir na pesca artesanal de modo mais autônomo, de acordo com as especificidades que cercam seu trabalho e seu modo de vida. No trabalho pesqueiro, construir os problemas e respondê-los é tentar apropriar-se das condições necessárias à reprodução social da vida enquanto manifestação sociocultural, em que o irredentismo estético é fundamental.

As citações abaixo são bastante elucidativas desse aspecto:

[Entrevistador: Como o senhor sabe dos tipos de vento quando está no mar?]

Se você estiver vendo a terra, você sabe. O vento empurra o barco para um lado. Eu sinto na pele. (Seu Gidinha, pescador mestre, 70 anos)

A cor na água diz que tem peixe. Já o vento, as folhas dos coqueiros ajudam pra entender que tipo é, além da gente sentir ele. (Joaquim⁵, pescador proeiro, 25 anos)

Olhando os coqueiros, de um lado, e os morros da serra, de outro, aí você marca os locais de dar lança. (Genildo, pescador mestre, 35 anos)

Puxar a rede no mar é difícil, ruim, porque vai puxar o peso e tem que saber ficar no barco pra não cair. Se você for bom no equilíbrio de perna, não cai. E não cai mesmo. Você vai pela onda do mar. Ele tem que tombar. Se ele não tiver bom equilíbrio, oxente, o cabra se atola, cai na água. Por isso o camarada tem que tá prestando atenção no mar. (Seu Milton, pescador mestre, 67 anos)

Tem peixe que a gente sabe pela sua batida na água e a cor. Além disso, na pesca de linha a gente usa também o cabo de vassoura. A borda do barco é furada e aí pega ele e coloca, colocando o náilon em cima do cabo. A gente mela em cima dele com óleo diesel. Aí, quando o peixe puxa faz zoada.
(Conrado, pescador mestre, 39 anos)

Tava pescando lagosta. Tava dando aquele vento terral, aquele vento que bota a gente pra fora, aí eu fui dar outro mergulho e tinha certeza, quando voltei de baixo, que senti... havia cheiro de lagosta, que eu trazia de lá, nas coisas que peguei. Aí direcionei o barco mais pra frente. Desceu eu e mais um, e tinha lagosta. (José Edson, pescador mestre, 41 anos)

Nos depoimentos dos pescadores suapenses, percebe-se a riqueza de saberes que são externados pelas – e surgidos das – criações sensíveis, atividades corporais. Por isso, no mar, identifica-se o tipo de vento visualmente, quando ele “empurra o barco”, ou quando “eu sinto na pele” seu ir e vir, fato que permite, ao pescador Gidinha, planejar e executar rapidamente decisões.

Além disso, o saber-fazer pesqueiro “olhando” leva o pescador Genildo a marcar caminhos marítimos em busca dos pesqueiros, da segurança produtiva e de vida dos homens nas águas, tomando por referência o balançar das folhas dos coqueiros, que “ajudam pra entender que tipo” (Joaquim) de vento é melhor para navegar. Tudo isso se soma ao “saber ficar” em pé e seguro “no barco pra não cair” no mar, no “equilíbrio de perna”, tendo que “tombar” ritmado pelas ondas, “prestando atenção” (seu Milton) nelas para que a pesca artesanal possa concretizar-se no fazer da retirada, no colocar de covos e redes, no seu lançar em lugares corretos.

A pesca também é o identificar de espécies de acordo com a “batida na água e a cor” que os peixes fazem e/ou têm. Sem dúvida, para Conrado saber ouvir é fundamental, pois, quando o peixe puxa a linha “faz zoa-

da” e, assim, é a hora de trabalhar para levá-lo ao barco. Ademais, em algumas situações o olfato pode permitir, segundo Edson, direcionar “*o barco mais pra frente*” em busca da captura de lagostas.

Um conjunto amplo e multifacetado de práticas sensitivas une-se como ações manifestas da vida de pescador, da condição de trabalhador das águas, onde o pôr teleológico⁶ transforma-se em alternativa ao se externalizar pela atuação ampla dos sentidos, dos usos e da fruição das energias físicas, graças à rica complexidade que compõe, e ao dar razão de ser ao fazer artesanal da pesca em seu ato criativo e não aprisionado de sua prévia ideação.

Cada vez mais na vida, o corpo do pescador torna-se menos preso ao plano unicamente biológico, mas sem nunca deixar de aboli-lo, e passa a ganhar conformidade sociocultural. Assim, o sentir, o olhar, a audição assumem características oriundas de determinações societárias e passam a significar categorias de manifestações de vida, de sociabilidades pesqueiras e de suas particularidades. Portanto, o metabolismo social deixa, ao longo da vida dos que pescam, de ser simplesmente um contato físico com o ambiente para se tornar conceitos e objetivações do existir humano. O corpo humaniza-se, saltando dos limites imediatos para conexões mais complexas, forjadas pela consciência, sem nunca negar o valor ontológico do trabalho (teleologia) no processo de socialização da vida pesqueira, e sem que a consciência jamais negue que se encontra vinculada ontologicamente aos sentidos humanos.

Para evitar equívocos, vale a pena realçar novamente que o fato de a consciência se elevar a “momento essencial ativo” no ser social, de deixar ser mero epifenômeno, não significa que deixem de existir as determinações advindas do fato de que essa consciência está sempre ontologicamente ligada a um corpo biológico e, ao fim e ao cabo, de estar a serviço da reprodução deste mesmo corpo. (Lessa, 2002, p. 182)

Em tal processo, quando o vento toca na pele do pescador ou é percebido pelos olhos no movimento das marés ou das nuvens, ele assume categorias sociais de ventos bons ou maus para a pescaria; favoráveis a esse ou aquele peixe; calmos ou agitados; legais ou ruins; perigosos ou convidativos; companheiros ou inimigos; de esperança ou de agouro; fracos ou fortes; fêmeas ou machos; são ventos terrais, sul, sudeste, norte, noroeste. Não são mais ventos sem sentido social, apenas de natureza inorgânica e só. Muito pelo contrário, tais ventos são humanizados no sentir dos sentidos humanos e fazem parte da existência societária dos pescadores e de sua arte liberta.

O vento, ele... o pescador gosta de vento calmo. Vento forte, o mar fica agitado; e o vento calmo, o mar fica brando, fica legal. E esse vento sul faz a água correr pro norte, e o vento norte, faz a água correr pro sul. O terral, o de terra, faz a água subir. Eu sinto esses ventos por eles tocarem em mim. Pode virar o rosto assim e você sente ele topar de um lado, ele mais na frente. (Conrado, pescador mestre, 39 anos)

O mais difícil pro pescador é o mau tempo. O mar fica violento. Já chovendo não. Mas quando tá ventando, oxente, só navio. O vento fica ruim porque o mar fica vagueado, voga⁷ alta. Vento assim, o mar fica vagueado. O vento brabo faz o mar embrabecer. Tem o vento leste, de fora, é bom pra pescar. Ele vem de fora. O vento fica brandinho e é bom pra pescaria. Tem o vento gerar, e ele é ruim. É sudoeste. Terral é um vento mais manso, ele é da terra pro mar. (Seu Milton, pescador mestre, 67 anos)

O melhor é o vento do leste, sendo o do leste vento branco, porque limpa a água. A água fica clarinha. Ele vem do sol pra terra. (Seu Luiz, pescador mestre, 66 anos)

Para encontrar pescados, a audição e, mais uma vez, a visão e o tato são também centrais, na medida em que se tornam categorias sociais acerca dos melhores momentos e locais para se pescar, ao apontar onde tem, onde não tem ou pode existir pescados (os pontos de pesca). Pela forma que os peixes batem no mar, pela mudança de coloração das águas ou pela força colocada na mão que segura a linha de pesca, os peixes são encontrados e distinguidos (aracioba, cavalas, garajuba, serra, tainha, sardinhas, agulhas, bagres) para que, a partir daí, se saiba utilizar os meios mais adequados para capturá-los (redes mais apropriadas de acordo com a malha, profundidade, tipos e tamanhos da linha, isca especial e outros), tendo em vista alcançar o fim pensado, para que a teleologia aconteça.

Quando a gente tá perto de uma área de pesca a gente escuta. A gente escuta a lapada que o peixe dá com a calda n'água. Ai a gente diz: "Tá batendo aracioba por ali". A gente sabe pela lapada que ela dá, que é mais forte que a de outros peixes. Quando a garajuba bate ela faz a superfície ficar diferente, pois ela é amarela. O xixarro é um pouco esverdeado, e a cavala vem um pouco cinza. (Gildo, pescador proeiro, 45 anos)

O peixe, quando bate na água, ela sai diferente, mesmo em maré branda. A garajuba pula um pouquinho da água e bate com a calda em cima, pra pegar a comidinha. A cavala é mais brilhosa. (Santiago, pescador proeiro, 52 anos)
Quando eu pesco o serra de linha... o serra dá uma carrerinha curta, mas é curta, ele volta logo. Eu sinto sua carreira na mão. (Seu Gidinha, pescador mestre, 70 anos)

Essa musicalidade marítima – sons na e da água – é filtrada subjetivamente, de acordo com a educação estética recebida em vida, assim como acontece com os demais sentidos. Para alguns, o som do mar é o som da força da natureza incógnita, do momento de contemplação, es-

paço inóspito ao ser humano, de medo ou de receio diante do desconhecido, mundo completamente natural ou antissocial. Para o pescador, a sonoridade aquática é parte da sua existência social, chão do trabalho, de conhecimentos acumulados, de práticas simbólicas, de organização societária, lugar de confirmação da sua vida. Portanto, a voz do mar está cheia de sentidos para o pescador, por ele estar cheio de sentidos educados para experimentar humanamente a música das águas marítimas, como fruição das suas forças essenciais, vitais, entendidas subjetivamente e afirmadas objetivamente no seu trabalho.

A experiência estética do pescador revela a humanização do mar e, mais do que isso, mostra como, ao longo da sua vida, “os sentidos humanos deverão se transformar em elaboradores de teorias” (Lukács, 1978, p. 17), para que os marítimos atinjam a condição de artífices do oceano também da liberdade.

Todos os sentidos humanos atuam de modo conectado numa tessitura sólida e indispensável a fim de que os pescadores possam reproduzir-se no tempo e no espaço, fato que assume uma conexão coletiva no trabalho embarcado.

Assim, o barco – essa espécie de oficina marítima – torna-se a totalidade de um corpo só, a junção dos tripulantes da pesca, cuja expressão singular do sentir e o movimento corporal de cada homem congregam-se na conformação de um sentido só e de uma única corporeidade, organizada no mundo embarcado do trabalho pesqueiro e de suas funções cooperadas no ato de pescar. Cada sentido individual faz-se sentido coletivo, e este se singulariza nas ações dos indivíduos dentro da oficina marítima, da embarcação, para que os marítimos pesquem através da parceria, que é a razão de ser das embarcações.

Essa totalidade dos sentidos e do corpo se realiza simultaneamente a nível individual e grupal. A nível individual, enquanto o corpo como um todo é

utilizado no processo de trabalho por cada pescador sem se parcelar. A nível grupal, enquanto as diferentes corporeidades se integram na partilha do trabalho – condição *sine qua non* à sua realização. (Cunha, 1987, p. 195)

Além disso, há outro corpo decisivo, e que não é o da natureza orgânica e inorgânica, para consolidar a arte da pesca: as ferramentas de pescar. Tais ferramentas (armadilhas e o barco) são extensões corporais dos pescadores e de sua destreza sensível, cujas funções voltam-se para atingir os objetivos do trabalho (os pescados) e seguir os roteiros marítimos.

A posse do talento cristaliza-se no saber como e de que modo utilizar as redes e o barco, e também sentir, através desses instrumentos, a natureza marinha. Isso ganha força em decorrência do espaço em que se dá o trabalho da pesca, devido à mobilidade e variedade de requisitos ambientais que caracterizam o oceano.

Na pesca artesanal, os meios de produção não empregam os homens marítimos, mas, do contrário, são por eles empregados para que possam sentir o mar e os pescados, objetivando a concretização de sua arte, sua externalização estética.

O barco é parte do pescador no mar, porque a gente conhece o vento, no geral, pelo balanço do barco. (Seu Gidinha, pescador mestre, 70 anos)

A linha é banda da gente mesmo. Olha, a gente tá sentindo toda força que o peixe... que ele tem. Ela é sua... como parte sua, banda do braço seu, porque você tá puxando aqui e tá sentindo o peso dele. (Jorge, pescador proeiro, 23 anos)

A gente sente o tipo de peixe pela topada que ele dá no náilon, dá no anzol. Aí a gente sabe qual o tipo de peixe que tá lá embaixo. Pelo tamanho, ele... ele fica tirando o náilon que tá na mão da gente. Tudo a gente sente a qualidade

do peixe pela força que ele vai fazer. A cavala, quando pega no náilon, ele corre muito. A velocidade é maior do que o serra, o xixarro, do que esses peixes. Acho que é por isso que tem esse nome de cavala. O xixarro, quando você larga a linha e ele pega, ele pega de mansinho, fazendo força pra baixo. (Marco, pescador mestre, 32 anos)

A forma que tem o vento é identificada e, portanto, sentida “*pelo balanço do barco*”, ocasionado pelas marés e/ou ondas, pois “*o barco é parte do pescador no mar*” (seu Gidinha, pescador), ao ser extensão da corporeidade do homem marítimo. O balanço do bote informa ao mundo corpóreo acerca da conformação assumida pelo oceano e quais as melhores decisões a serem tomadas de acordo com esse contexto.

No que diz respeito à linha, para o pescador ela é “*banda da gente mesmo*”, isto é, “*banda do braço*” por onde se está “*sentindo toda a força que o peixe... que ele tem*”, permitindo detectar “*o peso dele*” (Jorge, pescador) e a perícia necessária que deve ser usada para submetê-lo ao saber-fazer da arte marítima. É como relata Marco (mestre): “*A gente sente o tipo de peixe pela topada que ele dá no náilon, dá no anzol. Ai a gente sabe qual o tipo de peixe que tá lá embaixo*” no fundo do mar.

Mesmo não sendo identificado pelo campo visual, o tato explicita qual o tipo de peixe que se encontra fígado no fundo do mar e que talento usar para o levar ao barco. Em suma, “*Tudo a gente sente a qualidade do peixe pela força que ele vai fazer*” (Marco, mestre) sobre a banda do braço do pescador artesanal, que é a linha.

O sentir dos sentidos estabelece fina mediação com as armadilhas e o barco, para que o pescador possa ser um artista do mar; e a utilização precisa de tais instrumentos depende, acima de tudo, da técnica do pescador.

A construção da consciência, do subjetivo e dos conhecimentos na pesca são validados, melhorados, procurados e experimentados através do sensível, mostrando um caráter cumulativo dos saberes e de suas respostas.

Pelo sentir dos sentidos, o mundo em volta é também desvelado, para saber quais as melhores decisões a serem tomadas e os meios fundamentais para seus êxitos. Por isso, seu Gidinha (pescador) *“larga a linha e fica experimentando que peixe tá dentro da água”*, para reproduzir cognitivamente o real e depois responder a ele com seu pôr teleológico, na captura do peixe.

Mesmo neste ato singular, não deixa de acontecer, aqui, algo comum e universal a qualquer forma de conhecimento, inclusive o científico: a elaboração de uma ação metodológica. O método pesqueiro legitima-se no fazer da fruição sensível e retorna à consciência por meio de aproximações perante o real, tornando-se um porto seguro para descobrir novos pesqueiros, apropriar-se da realidade em pleno movimento, buscar responder às transformações socioambientais, incorporar, quando possível, novas tecnologias e alcançar os fins idealizados. Sem a formulação e o acúmulo metodológicos, o trabalho pesqueiro não existiria, não conseguiria renovar-se, nem humanizaria as águas e os pescados.

O método pesqueiro depende, sobremaneira, da educação sensível plena do pescador para estabelecer um metabolismo não estranhado com o oceano e com os pescados. De fato, o corpo e suas capacidades sensíveis são construídos no mesmo instante em que os pescados são transformados em objetos humanos, de acordo com as necessidades humanas.

Conclusão

A condição sensível dos pescadores artesanais promove a indissolúvel aliança entre saber e fazer, objetivando preparar aqueles que dedicam suas vidas para o trabalho no mar. Ter o controle do seu corpo é fazê-lo capturar as emanções que emergem da natureza e da própria constru-

ção cultural oriundas das relações sociais específicas da pesca, em suas situações de classe e percepções culturais.

O fazer-se pescador é um fazer-se dos sentidos, um ato que lapida e confecciona o corpo, nunca apartado da esfera cognitiva, um valor existencial. Por ser um turno, sendo parte ineliminável disso, o mar se humaniza no mesmo instante em que se humaniza o sentir dos sentidos humanos daqueles que pescam, recebendo deles suas potencialidades, suas determinações, suas formas de ser e manifestações do existir.

As práticas dos pescadores, suas relações socioambientais com as águas marinhas e os pescados anunciam e revelam a presença de uma estética societária, a qual irradia sociabilidades não instrumentalizadas pelas vontades meramente capitalistas, que, por isso, recheiam de significados outros a vinculação desse grupo social com a natureza, de maneira mais humanizada, apesar de receber as tensões do capital.

Nessa esfera, dominar, o máximo possível, o tempo de uso do corpo e do fazer de seus sentidos são estratégias e componentes centrais para que a estética pesqueira se realize, se mostre e se reproduza, no intuito de não permitir a sujeição. Se assim não fosse, a estética pesqueira cederia lugar à estética instrumental do mundo da mercadoria, de seu fazer absoluto, que se impõe fragmentando sentidos; dicotomizando corpo e mente; afastando trabalho e arte; obstaculizando humanizações da natureza; bloqueando resistências (por menor que sejam estas); e, acima de qualquer coisa, negando aos homens e mulheres a possibilidade de verem no trabalho um campo rico de realização de suas vidas, de suas existências, de educação humana do sentir dos seus sentidos e de construção artística, criativa.

Notas

- ¹ Pesquisa que foi financiada pelo CNPq.
- ² Os impactos ambientais existentes em Suape não serão aqui abordados, porque isso já foi feito em estudo anterior. Ver Ramalho (2006).
- ³ Este é um nome fictício, por solicitação do próprio pescador.
- ⁴ Forma de mapear o mar e suas áreas piscosas, ver Maldonado (1994) e Ramalho (2009).
- ⁵ Este também é um nome fictício, por solicitação do pescador.
- ⁶ O pôr teleológico (pensar e fazer) é o trabalho concretizado (Lukács, 1981).
- ⁷ Onda do mar.

Bibliografia

- ANTUNES, Ricardo
2000 *Os sentidos do trabalho*, São Paulo, Boitempo.
- CASCUDO, Luís da Câmara
1957 *Jangadeiros*, Rio de Janeiro, SAI.
- CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira
1987 *Entre o mar e a terra: tempo e espaço na pesca em Barra da Lagoa*, São Paulo, dissertação, PUC-SP.
- DIEGUES, Antonio Carlos
1983 *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*, São Paulo, Ática.
- DUARTE, Luiz
1999 *As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da produção de pescado em Jurujuba*, Niterói, Eduff.
- DUARTE Jr., João-Francisco
2004 *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*, Curitiba, Criar, 3.ed.

- EAGLETON, Terry
1993 *A ideologia da estética*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- FOUCAULT, Michel
1979 *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, Graal, 22.ed.
- FURTADO, Lourdes Gonçalves
1993 *Pescadores do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica*, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.
- HAROCHE, Claudine
2008 *A condição sensível*, Rio de Janeiro, Contra Capa.
- HEGEL, Georg. W. F.
1996 *Curso de estética: o belo na arte*, São Paulo, Martins Fontes.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas
2006 *Uma história do corpo na Idade Média*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- LESSA, Sérgio
2002 *Mundo dos homens*, São Paulo, Boitempo.
- LIMA, Robert Kant
1997 *Pescadores de Itaipu*, Niterói, Eduff.
- LOPES, José Sérgio Leite
1976 *O vapor do diabo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- LOUREIRO, Violeta
1985 *Os parceiros do mar*, Belém, CNPq/Museu Paraense Emílio Goeldi.
- LUKÁCS, György
1969 “Conversando com Lukács”, In KOFLER, L. et al (org.), *Conversando com Lukács*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
1978 “As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem”, In *Temas de Ciências Humanas*, São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, n. 4: 1-18.
1981 *Ontologia Dell'Essere sociale II*, vol. 1 e 2, Roma, Riuniti.

MALDONADO, Simone

- 1994 *Mestres e mares: espaço e indivisão na pesca marítima*, São Paulo, Annablume, 2.ed.

MARX, Karl

- 1982 *O capital*, livro I, vol. 1, 8.ed., São Paulo, Difel.
2004 *Manuscritos econômico-filosóficos*, São Paulo, Boitempo.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich

- 1996 *Ideologia alemã*, São Paulo, Hucitec, 10.ed.

MAUSS, Marcel

- 2003 *Sociologia e antropologia*, São Paulo, Cosac Naify.

MELLO, Alex Fiúza

- 1985 *A pesca sob o capital*, Belém, Editora da UFPA.

MÉSZÁROS, István

- 1981 *Marx: a teoria da alienação*, Rio de Janeiro, Zahar.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto

- 2006 *“Ah, esse povo do mar!”: um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana*, São Paulo, Polis; Campinas, Ceres.
2007 *Embarcações do encantamento: trabalho como arte, estética e liberdade na pesca artesanal de Suape, PE*, Campinas, tese, Unicamp, 300 pp.
2009 “A arte pesqueira: território da mestrança e do saber-fazer marítimo”, in MOURA, Alexandrina (org.), *Políticas públicas e meio ambiente: da economia política às ações setoriais*, Recife, Massangana, pp. 263-90.

ROMERO, Daniel

- 2005 *Marx e a técnica*, São Paulo, Expressão Popular.

WEBER, Florence.

- 2009 *Trabalho fora do trabalho*, Rio de Janeiro, Garamond.

ABSTRACT: Based on the representations, feelings and societal practices of artisanal fishermen in Suape Beach in Pernambuco, this article examines the social processes that underlie and are illuminated by these workers' feeling of the senses, especially regarding the articulation of the sensitive condition (fishing aesthetics) with the *savoir-faire*, the freedom and the humanization in artisanal fisheries.

KEY-WORDS: Anthropology of fishing, labor and fishing, feeling of the senses.

Recebido em fevereiro de 2011. Aceito em junho de 2011.